

SINODALIDADE:
CONCORDAR EM DISCORDAR DE FORMA AGRADÁVEL –
OU TALVEZ CONCORDAR EM CONCORDAR ESPIRITUALMENTE...?

A sinodalidade é uma visão ousada do Papa Francisco. Ele quer inverter a pirâmide da Igreja Católica Romana como um sistema eclesiástico clericalizado. Ele tem tentado fazer isso ao longo do seu papado. A sinodalidade procura fazê-lo re-imaginando, uma vez mais, a Igreja como Povo de Deus, fazendo do Batismo e não da Ordenação a realidade sacramental primária e fulcral. Esta é a inversão radical de um depósito da história que mesmo o Concílio Vaticano II, com todo o seu idealismo, não foi capaz de abordar de forma adequada e definitiva. Parece que parte do que deu ao Papa Francisco a confiança para fazer isto é a clarividência de uma figura do Velho Simeão; mas é também o seu envolvimento ao longo da vida com figuras de outras religiões mundiais a nível nacional e internacional, juntamente com os mais recentes compromissos ecuménicos profundos e sustentados com os anglicanos - e em particular com o Arcebispo Justin Welby a nível pessoal.

Isto impõe-nos a todos, no âmbito da aspiração que todos têm a uma vida ecuménica funcional, a necessidade de lidar com as implicações da Sinodalidade e as suas potencialidades para nós, Anglicanos, nas nossas próprias Igrejas, à medida que contribuímos para a totalidade do cuidado da terra (ecologia), das transações humanas (economia) e das relações ecuménicas, recentemente configuradas para incluir as relações inter-religiosas, de modo a assegurar a integridade discreta de cada participante, mas a fim de reunir as energias comuns de todos. Estes três `e(s): ecologia, economia e ecumenismo, dominam as nossas vidas como Pessoas de Fé e também como Povo de Deus no sentido mais lato, e cabe-nos a nós descobrir a melhor forma de trabalhar com eles.

A minha Província partilha com a Igreja Lusitana e com a Igreja Episcopal Espanhola o facto de sermos uma minoria numericamente minúscula num país de maioria Católica Romana; o facto de os membros da tradição maioritária serem, na sua esmagadora maioria, não praticantes, não contribui em nada para influenciar a mentalidade maioritária. Daí a necessidade de nos mantermos a par do pensamento maioritário, a fim de formarmos a nossa própria compreensão espiritual.

A sinodalidade é também um convite à tranquilidade de pertencer a Deus, em e através, da ação do teu próximo, do meu próximo, e ver onde o Espírito de Deus, a todos juntos, nos conduz nestes encontros. Isto é feito para que todo o povo de Deus partilhe o trabalho e a tarefa de Jesus Cristo como profeta (ensino e defesa), sacerdote (sacramento e reconciliação) e rei (governo e liderança). Estes três estados de ser devem coabitar, e não simplesmente coexistir, neste paradigma renovado; devem também transcender o teto e o chão de vidro das exclusões dos leigos por parte dos ordenados, ligando Cristo e o povo de Cristo diretamente ao discipulado. De muitas maneiras, isto também retoma, no seio da tradição católica romana, a tarefa inacabada do Concílio Vaticano II e do seu caleidoscópio de possibilidades. Trata-se de uma liderança concedida a um Papa, se me é permitido dizê-lo sem

desrespeito, no âmbito de uma Nova Expressão de Infalibilidade recentemente configurada, que não ofende ninguém e abraça todos. Também este é um serviço da catolicidade como foco de pertença num mundo de pluralidade confusa. Somos todos melhores por isso. Somos convidados a deixar-nos levar pela sua energia contagiante.

A sinodalidade também envolve uma visão do que a igreja no mundo pode ser, trabalhando de dentro para fora, por assim dizer, tanto em relação ao meio ambiente quanto aos empobrecidos. Combinando os imperativos do documento papal *Laudato Si* (1) e do Acordo de Paris sobre o Clima, e permitindo que as bases ouçam as bases. (2) É um caminho de humildade ecológica, que nos convida a encontrar o nosso lugar na totalidade de uma ordem criada da qual fazemos parte e que o progresso do funcionalismo humano nos permitiu utilizar e desenvolver, mas também desfigurar e desmembrar com uma estranha mistura de glória e idolatria. Fundamentalmente, esta escuta ecológica aproxima a escuta do grito da terra e do grito dos pobres. Fá-lo aplicando o espírito de subsidiariedade (isto é, não forçar algo a acontecer, ou assumir que acontece corretamente e melhor a um nível mais elevado de tomada de decisões, mas que também pode ser feito a um nível mais baixo, mais abrangente, de discernimento e colaboração). Os seus objectivos estratégicos são a conversão ecológica, a defesa profética e os estilos de vida sustentáveis. Para mim, esta é a realização prática do Profeta, Sacerdote e Rei para todos, de Cristo e do povo de Deus. Chamo a isto ecumenismo holístico ou fé na terra inteira.

A sinodalidade é um convite à igreja para responder ao seu próprio chamamento a fim de dar testemunho de Jesus Cristo no Espírito Santo, e da sua missão no mundo, a fim de tornar mais tangível e visível o reino de Deus na terra. (Desta forma, é muito semelhante à auto-compreensão da Comunhão de Porvoo e à teologia da Declaração Comum de Porvoo: que o Filho é a primeira e definitiva missão do Pai). Faz parte do lema do Papa Francisco de uma missão comum para a nossa casa comum. (3) O seu mandato deve estender-se a outras denominações, a outras fés. Tem a capacidade de unir o Sacramental e o Espiritual e, portanto, de incluir os Evangélicos e os Pentecostais no movimento de aproximação ecuménica com a Igreja Católica Romana. Isto porque é um conceito que não corrói a identidade, mas oferece uma maior pertença. Desta forma, é também organizacionalmente revolucionário. A minha ressalva, no entanto, é que não é papel do ecumenismo prescrever, nos termos de um dos seus parceiros ou participantes, a fusão de tradições discretas como se uma delas ou um *tertium quid* (fusão de dois elementos com um terceiro de origem desconhecida) fosse a única eclesiologia verdadeira. Isso é simplesmente a-histórico, e não faz justiça eclesial e eclesiológica suficiente à história vivida e viva da Reforma, por exemplo.

Sinodalidade: Quais são as suas origens? Como sugerido acima, elas podem ser encontradas numa série de documentos da Igreja e do mundo: na *Laudato Si*, no Acordo Climático de Paris, mas também no ARCIC iii (*Caminhando Juntos no Caminho* 2017) (4) e, portanto, no conceito trabalhado

de Ecumenismo Recetivo. O Ecumenismo Recetivo deu uma tábua de salvação a uma vida ecuménica algo ossificada nas igrejas derivadas do Ocidente. A WTotW (*Caminhando Juntos no Caminho*) concentra-se em "instrumentos de comunhão" (maneiras pelas quais se pode fazer a comunhão acontecer de forma tangível e local) através do que poderíamos chamar "comunhão recetiva". A sinodalidade é um desses instrumentos significativos de comunhão. O ecumenismo recetivo é definido como uma metodologia e um processo "que implica estar preparado tanto para discernir o que parece estar a ser negligenciado na nossa própria tradição como para perguntar se essas coisas estão melhor desenvolvidas na outra tradição". (WTotW n.18) (5) O ecumenismo recetivo atua como um espelho de auto-compreensão crítica. É preciso compreender e responder ao que falta na nossa própria tradição, tal como ela se apresenta e como o mundo avançou à nossa volta, nos três termos que utilizei anteriormente: ecologicamente, economicamente e ecumenicamente. Estar aberto a aprender com a outra parte o que é melhor fazer, do que aquilo que estamos a fazer sozinhos, é uma componente essencial.

Os anglicanos aprenderam o valor do discernimento católico romano como um método para deixar que Deus no Espírito entre na vida da Igreja e no ser humano. Os católicos romanos aprenderam o valor do respeito anglicano pela diversidade e pelo debate aberto e como a capacidade deliberativa e de tomada de decisões dos leigos é mais forte na tradição anglicana do que a tendência para os consultar como um fim em si mesmo. (6) O resultado deste processo é potencialmente revolucionário para ambas as partes. Nós, anglicanos, talvez possamos, tardiamente, admitir as limitações do estilo contraditório e parlamentar de sinodalidade que se tornou uma norma politizada incorporada na vida de muitas Províncias; tal *modus operandi* tornou-se um *modus vivendi* em que uma ampla gama de participantes articulados, cada vez menos articulados numericamente, traz para uma reunião, pretendendo reunir-se sob a égide do Espírito Santo, uma agenda fortemente secularizada que convida e suscita uma série de respostas opostas pendulares através do que é descrito como debate. Também introduzem frequentemente velhas contas existentes, na esperança de as resolver publicamente. Esta deambulação de facto para longe do rebanho das expectativas espirituais é reforçada por um método maioritário de tomada de decisões, no qual os resultados já estão pré-determinados nas mentes dos seus defensores conflituosos. Nós, nas Ilhas Britânicas (se é que me atrevo a usar esse termo após o Brexit), exportámos para a Comunhão Anglicana mundial a nossa prática parlamentarista.

Tudo isto foi acelerado e ampliado para se tornar numa guerra de trincheiras no pódio pela utilização dos meios de comunicação social como árbitro de correção, e pela aplicação distorcida e frequentemente desastrosa de métodos de regulação e disciplina utilizados em contextos eclesiais e divulgados em fóruns públicos. Repetidamente, aqueles que são objeto de escrutínio têm pouca ou nenhuma independência profética, direito de representação ou direito de resposta e podem ser levados ao suicídio. Neste contexto, por exemplo, a tomada de decisões tanto exclusivas como

inclusivas sobre questões de sexualidade humana cria fissuras de proporções sísmicas à medida que a identidade se torna uma arma no debate sinodal público. O comentário da Arcebispa Linda Nicholls (7), sobre a suspensão dos trabalhos, a pedido, em qualquer altura, para ler na íntegra o Evangelho do Dia, quando os assuntos aquecem numa reunião sinodal, oferece sabedoria administrativa e divina, juntamente com uma perspetiva espiritualmente castigadora. Isto leva a perguntar aos que estão reunidos em sínodo se têm ouvidos para ouvir aquele que os chamou, que é Deus. É uma técnica derivada das formas de reunião dos nativos americanos.

AS CINCO MARCAS DA MISSÃO E DO CAMINHO

Há duas outras áreas que gostaria de explorar relativamente à marca da sinodalidade. Uma é as *Cinco Marcas da Missão da Comunhão Anglicana*. A outra é o *Caminho* como conceito tanto espiritual como secular. Nenhuma delas aparece de forma significativa no que li sobre Sinodalidade. Para mim, representa uma grande deficiência. Penso, no entanto, que ambas são intrínsecas a este percurso, se não quisermos que seja demasiado "*intra-igreja*", ou seja, tudo sobre o estado da Igreja Cristã como um fim em si mesmo, em vez de sobre a missão de Deus no mundo, onde a Igreja, tal como a conhecemos, é uma construção humana, bem como um dom divino sob intensa pressão.

As Cinco Marcas da Missão da Comunhão Anglicana são as seguintes, - de forma bastante abreviada:

DECLARAR: proclamar o Reino de Deus

ENSINAR: ensinar, batizar e nutrir

CUIDAR: responder às necessidades humanas

TRANSFORMAR: transformar as estruturas injustas

VALORIZAR: salvaguardar a criação.

Estas Cinco Marcas tendo começado no Conselho Consultivo Anglicano em 1984, definham em grande parte esquecidas na gaveta de baixo da Comunhão Anglicana, até que um dos meus ordinandos me sugeriu que as usássemos nas Dioceses de Dublin e Glendalough como base e estímulo de um programa de discipulado. É interessante notar que, agora que vivemos no contexto e nos pressupostos da sinodalidade, no início da década de 2010, quando desenvolvemos este programa, estávamos a trabalhar com um investigador leigo católico romano e um pedagogo jesuíta, e dependíamos das suas competências e do seu empenho; e o nosso primeiro encontro envolveu o testemunho de crianças de várias religiões do mundo que eram alunos de uma escola pública comunitária. As componentes ecuménica, educativa e inter-religiosa estavam presentes desde o início. E nessa altura ainda nem sequer se sonhava com a sinodalidade.

Quando o Arcebispo de Cantuária veio assinalar o 150º aniversário da Desinstitucionalização da Igreja da Irlanda, em 2016, apresentámos-lhe algumas das conclusões deste trabalho e estudo numa

das nossas igrejas. No seu sermão na Catedral de São Patrício, nessa ocasião, deixou-nos com o seguinte pensamento: *“a Igreja da Irlanda pode ser uma Igreja sem Fronteiras”*. Embora a palavra Fronteiras tenha uma ressonância específica, sombria e sepulcral na Irlanda, tem também uma ressonância crítica e positiva para a Sinodalidade e para a sua implementação e impacto em todo o mundo. Desde esses dias, e por uma série de meios, as Cinco Marcas da Missão regressaram para cima da mesa da Comunhão Anglicana. O vice-presidente do ACC (Concelho Consultivo Anglicano), o Arcebispo Hosam Naoum, disse-me em várias ocasiões que o ressurgimento das Cinco Marcas foi inicialmente lançado na nossa diocese. Estamos muito satisfeitos por desta forma termos prestado algum serviço à Comunhão Anglicana mais alargada.

Aqueles que acompanharam a evolução da sinodalidade na Irlanda admitem que a agenda inter-religiosa não foi posta em evidência de forma significativa. (8) Este facto não é surpreendente para nenhum praticante. O trabalho inter-religioso é difícil para aqueles que ainda anseiam por uma Cristandade agora esmagada, como se estivesse a regressar, tal como o Sr. Godot na peça de Samuel Beckett. (À espera de Godot). Esta fantasia assume muitas formas. No meu contexto, manifesta-se na voz de sereia da neo-re-Institucionalização. Muitas pessoas continuam a pensar que a mentalidade da Institucionalização é a nossa herança legítima. O problema é que somos 2% da população e os impactos do colonialismo são algo que não estamos dispostos a aceitar. A sinodalidade quer ajudar o mundo cristão de hoje a libertar-se da ideia de se agarrar em vão à cristandade.

O meu próprio trabalho, em colaboração com outros, através do Fórum Inter-Religioso da Cidade de Dublin, é capaz de discernir como a ética do ecumenismo intra denominacional pode ser levada a cabo no âmbito do Declarar e Ensinar das Cinco Marcas, de forma a honrar a herança cristã - e separadamente noutras Tradições de Fé, de forma a honrar as suas heranças únicas; e como o trabalho do ecumenismo Inter-Religioso (ecumenismo em termos de envolvimento com todo o mundo habitado) pode ser levado a cabo no âmbito do Cuidar, Transformar e Valorizar. O Caminho Anglicano, se corajosa e generosamente vivido e partilhado, pode ajudar a incorporar a Sinodalidade como um *modus vivendi* numa *oikoumene* (mundo habitado) de muitas fés, em vez de se preocupar com o perigo de correr para a areia através de um falso radicalismo intra-cristão que acaba em previsibilidade e desilusão.

O anglicanismo está ligado ao bem comum de uma forma muito específica. O anglicanismo é um sistema eclesiástico que, enquanto minoria em todos os países do mundo, à exceção da Inglaterra, que é onde o Institucionalismo por defeito, precisa do secular. Isto coloca-nos diretamente em contacto com o mundo secular e os seus pressupostos, devido aos princípios da Reforma. O anglicanismo procura contribuir teologicamente para o bem comum de todos os cidadãos no domínio cívico. Isto é bastante diferente da Doutrina Social Católica e não deve ser confundido com ela. Embora isto possa fazer com que, por vezes, pareçamos ineficazes, permite-nos fazer exigências teológicas

particulares a nós próprios, dar uma explicação teológica coerente aos outros e envolvermo-nos nos contextos seculares, ecuménicos e inter-fé em que vivemos. O nosso desejo de pertença é o nosso imperativo de contribuir. Uma das formas, para além das Cinco Marcas da Missão, em que o podemos fazer é através do Caminho. A sinodalidade pode beneficiar do envolvimento com a ideia de fazer um Caminho e pode ser vista como um Caminho em si mesma.

Em Portugal e em Espanha, no primeiro dos quais nos encontramos agora, o Caminho faz parte da paisagem - e com razão. As ligações através do mundo cristão da Europa até Compostela são agora um sistema nervoso espiritual revigorado e re-energizado nos tempos modernos, sobretudo por causa da solidão pessoal, pela perda de significado comunitário, mas também pelo desejo de ser ativo e de permanecer ativo na causa da própria saúde. É possível que, no passado, a motivação puramente religiosa do Caminho tenha sido demasiado valorizada. Além disso, é cada vez mais bem organizado e atraente quer para jovens quer para idosos. Se quiséssemos *“eclesialística-lo”*, poderíamos chamar-lhe *“igreja assente sobre os pés”*. A caminhada intencional retoma o lema da ARCIC iii - Caminhar Juntos o Caminho - e abre outra via sobre a qual muito do que vi escrito sobre Sinodalidade é estranhamente silencioso. Isto é: caminhar em conjunto com o mundo secular. Para a Igreja, a oportunidade de fechar as persianas ao mundo secular pode parecer uma conquista atraente. Mas não é frutuoso a longo prazo. Somos demasiado globais como povo para beneficiarmos da auto-privatização. A sinodalidade precisa de ser mais do que a construção da igreja. O Espírito não é um produto da igreja. O Espírito é uma força da natureza. O Espírito é a expressão de Deus em Pessoa. O Espírito sopra onde quer. (9)

Não estou a dizer que se pode fazer Caminho sobre qualquer coisa, mas dou-vos um pequeno exemplo. Dei por mim a apresentar um seminário de um dia com o título: “Diálogo de Amizade Contra as Vozes da Inimizade”. O objetivo da conferência era encorajar a compreensão inter-fé e inter-racial. Decidi falar de três tipos de Caminho: um Caminho de contraposição, um Caminho de colaboração e um Caminho de compreensão, todos eles conduzindo a um Caminho de comunidade. O meu objetivo era literalmente levar as pessoas a lutar contra o ódio, a trabalhar com outros, a compreender as pessoas, as questões e as áreas envolvidas e, desta forma, construir em conjunto uma nova comunidade. Utilizei o termo Caminho porque precisamos de Actores Civis e de Actores de Fé para fazer este trabalho de estabelecer uma nova caminhada; porque o caminho percorrido traz clareza sobre a direção a tomar, porque há um objetivo em vista; e porque a compreensão contraria a ignorância e fornece as regras básicas para a criação de uma comunidade nova e diferente. Considero que o conceito de Caminho é central para a Missão hoje, porque nos convida a caminhar juntos, com toda a assistência mútua que uma viagem partilhada exige - com os pés cheios de bolhas, as pernas cansadas e os membros doridos da vida atual. O nosso Caminho religioso e secular deve ligar-nos ao Bom Samaritano de S. Lucas 10.

É por razões como estas que um compromisso honesto e aberto com a sinodalidade pode levar as igrejas cansadas de hoje a um novo lugar de experiência humana e divina, à medida que nos envolvemos com a trindade terrena de que falei duas vezes: ecologia, economia e ecumenismo. Não é necessário que esse compromisso nos torne iguais uns aos outros, mas pode fazer com que nos amemos mais uns aos outros. E o amor é um dom da graça de Deus. Deixar que o amor de Deus abrace todos será um bom começo.

Michael Jackson,
Arcebispo de Dublin e Bispo de Glendalough,
Maio de 2024